

<https://doi.org/10.26512/pl.v10i21.38625>

Artigo recebido em: 23/06/2021

Artigo aprovado em: 17/12/2021

Artigo publicado em: 12/01/2022

A RELAÇÃO ENTRE CAPITALISMO E EXPERIÊNCIA EM THEODOR ADORNO

THE RELATIONSHIP BETWEEN CAPITALISM AND EXPERIENCE IN THEODOR ADORNO

Felipe Alberto da Silva Lopes¹

(felipe.ads.lopes@gmail.com)

Resumo: O presente trabalho tem o objetivo de apresentar a crítica ao capitalismo na obra de Theodor Adorno, relacionando com o tema da inaptidão à experiência e à formação cultural. Para isso, retomamos o seu texto *Capitalismo tardio ou sociedade industrial* e o seu diálogo com Marx e Lukács. Na sequência, vemos como o fetichismo da mercadoria e a reificação impõem determinações na subjetividade, em especial na capacidade de realizar experiências com o não-idêntico. Mostramos também como Adorno, na esteira de Benjamin, relaciona a generalização do princípio de troca com a perda da memória, que, da mesma forma, interferem na capacidade da experiência, já que esta é marcada pela continuidade. Assim, podemos ver que além da indústria cultural e da submissão aos líderes, o capitalismo na sua estrutura impede a realização de experiências intelectuais e estéticas.

155

Palavras-chave: Adorno. Capitalismo. Experiência. Formação cultural. Fetichismo.

Abstract: This work aims to present the criticism of capitalism in the work of Theodor Adorno, relating to the theme of inability to experience and cultural formation. For this, we return to his text *Late Capitalism or Industrial Society* and his dialogue with Marx and Lukács. Next, shows how commodity fetishism and reification impose determinations on subjectivity, especially on the capacity to carry out experiences with the non-identical. We also show how Adorno, in Benjamin's wake, relates the generalization of the exchange principle to the loss of memory, which, in the same way, interferes with the capacity of experience, as it is marked by continuity. Thus, we can see, as to the cultural industry and submission to leaders, capitalism in its structure prevents the realization of intellectual and aesthetic experiences.

Key-words: Adorno. Capitalism. Experience. Cultural Formation. Fetishism.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de São Paulo (USP)

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3203281748728913>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7969-3396>.



INTRODUÇÃO

A crítica do capitalismo em Adorno é um tema bastante complexo. Embora Adorno tenha poucos textos dedicados diretamente a este tema, ele atravessa todos os seus escritos. Nosso foco aqui é mostrar como o capitalismo tem implicações na nossa capacidade de realizar experiências. Isso não significa que a incapacidade de fazer experiências, denunciada por Adorno, seja apenas decorrência do capitalismo. Podemos citar, por exemplo, a indústria cultural, a semiformação e os mecanismos de identificação com líderes, que também atuam na consciência. O foco deste texto é mostrar quais determinações do capitalismo interferem na experiência dos sujeitos, para serem colocadas ao lado destas outras determinações já citadas.

Para tanto, será necessário recorrer a outros pensadores, como Marx, Lukács, Pollock e Benjamin, pois a discussão e os conceitos nos quais Adorno se move foram desenvolvidos por estes autores. Não será possível, no entanto, desenvolver completamente as contribuições de cada um deles para este tema. O foco será, portanto, como esta discussão deságua nos textos de Adorno sobre capitalismo e experiência. Como o tema da experiência está espalhado pela sua obra, este trabalho não seguirá, na segunda parte, nenhum texto de maneira completa, mas vai tocando, de maneira pontual, vários deles. Uma análise detida de todos estes textos fugiria, em grande parte, do escopo aqui proposto.

O principal texto de referência para uma visão de conjunto da concepção adorniana de capitalismo será *Capitalismo tardio ou sociedade industrial* (1968). Neste texto, Adorno começa dizendo que a questão do título não é apenas uma dúvida sobre como nomear o sistema econômico da época, é uma questão que incide sobre as determinações do sistema. Após todas as transformações, o sistema econômico e social ainda é capitalista ou já deve ter outro nome? Se o sistema não é mais capitalista, tanto a análise quanto os prognósticos de Marx não seriam mais válidos. Além disso, existe uma diferença fundamental entre os estados capitalistas e os não capitalistas? Adorno não vai optar por um ou outro termo, mas vai mostrando como as determinações do sistema passam por elementos do capitalismo tardio e da sociedade industrial. Adorno diz que a relação entre os dois termos expressa “a contradição que caracteriza a atual fase, e que cabe a sociologia articular no plano teórico.” (1998, p. 65)

Essa questão remonta uma discussão importante dentro da sociologia e do marxismo, que tem a ver com as transformações no interior do capitalismo após o aparecimento de alguns elementos, principalmente o surgimento, cada vez mais frequente, de monopólios e da intervenção estatal sistemática. Um marco neste debate é a contribuição de



Friedrich Pollock, através do conceito de *capitalismo de estado*², onde ele defende o primado da política sobre a economia.

Pollock mostra que o capitalismo, ao adquirir a forma de capitalismo de estado, afasta a possibilidade do colapso e, conseqüentemente, a revolução. O capitalismo de estado tem como característica a economia planificada. Isso não significa que a economia está necessariamente na mão do estado, mas o que está é o planejamento, a administração sobre os preços, sobre a produção e sobre a distribuição de mercadorias. O capitalismo de estado não significa também que o antagonismo social está ausente, mas ele está emaranhado em um complexo de poder, que é composto não só pelos burgueses, como no capitalismo em suas fases iniciais, mas também pela burocracia estatal, representada pelo partido vencedor, a burocracia privada, onde os *managers* tomam o lugar dos burgueses na condução das empresas, as lideranças sindicais e os militares. O grupo dominante não é homogêneo e, portanto, seus diversos grupos não compartilham os mesmos interesses. Entretanto desenvolvem um plano em conjunto e constituem uma unidade em relação a sua postura de dominação diante da massa da população. Nesse novo capitalismo, o lucro existe, mas está subordinado ao plano geral do grupo dominante. Assim, se configura uma predominância da política sobre a economia, que se choca com teses fundamentais da teoria marxista ortodoxa. Além disso, a administração estatal se faz através de gerenciamento com base científica. Esse elemento vai trazer a necessidade de pensar a racionalidade como forma indispensável de compreender a realidade social.

157

Pollock diz que o capitalismo de estado tem uma forma totalitária e outra forma democrática. Desse modo estende sua análise de modo a incluir tanto as experiências nazistas quanto as estadunidenses e soviéticas. Embora Adorno não cite diretamente Pollock no texto, a proposição desse novo entendimento por Pollock levantou uma grande discussão, tanto dentro do instituto de pesquisa social de Frankfurt quanto fora dele.

Também é importante deixar claro que a tese de Pollock segundo a qual o capitalismo de sua época demonstra um predomínio do político sobre o econômico não é aceita sem reservas por Adorno. Como veremos, Adorno continua achando que a dominação social é exercida através da economia. Entretanto, ele também não ignora as transformações ocorridas no interior do capitalismo, como o predomínio dos monopólios e a intervenção estatal. Grande parte da interpretação da obra de Adorno deixa de lado a crítica econômica para se concentrar na sua

² Pollock, F. "Capitalismo de Estado: Suas possibilidades e limitações (1941)". In: Fleck, A., Caux, L. Ph. (orgs.). Crise e transformação estrutural do capitalismo: artigos na Revista do Instituto de Pesquisa Social, 1932-1941. Florianópolis: NEFIPO, 2019.



crítica à racionalidade. Porém, partiremos da tese defendida por Fleck (2016, p. 14) que Adorno não substituiu uma crítica da economia pela crítica da razão, mas que as duas são complementares. A crítica à economia, dessa forma, precisa da crítica da razão para dar conta de explicar a sociedade.

Adorno se utiliza de um método dialético na sua análise sociológica, segundo o qual não devemos apenas apresentar os fatos, mas também interpretá-los. Os fatos, para a teoria crítica, podem ser usados para encobrir um fato. Segundo Adorno “uma teoria dialética da sociedade volta-se para leis estruturais que determinam os fatos, que neles se manifestam e que são por eles modificados” (1998, pp. 63-64). Além disso, “ela entende por leis estruturais tendências que decorrem de um modo mais ou menos rigoroso de elementos constitutivos históricos do sistema global”. Na teoria de Marx, a lei do valor, da acumulação e do colapso do sistema são exemplos deste modelo de reflexão.

A dialética de Adorno não é sistemática, ou, se é, é um sistema antissistemático. Isso decorre de sua elaboração no campo da dialética. Mas, mesmo que o conhecimento sociológico não se organize como sistema, ele estuda a sociedade que é organizada sistematicamente. O pensamento dialético é essencial para a análise da sociedade pois a sociedade capitalista é antagônica, isto indica que as contradições, no limite, nos levam até a estrutura do mecanismo social. Por isso Adorno diz que os teóricos que projetam a não-contradição lógica no objeto do pensamento não conseguem compreender a sociedade no seu caráter contraditório.

158

1 CAPITALISMO TARDIO OU SOCIEDADE INDUSTRIAL?

Saber se o sistema social ainda pode ser chamado de capitalismo é um questionamento sobre a validade da teoria marxiana. Alguns prognósticos de Marx não se confirmaram, mas outros se mantêm firmes. O prognóstico da pauperização e o prognóstico do colapso, por exemplo, não se realizaram como Marx previa. Para Marx, o mecanismo de funcionamento do capitalismo traz na sua própria lógica o germe do colapso. Segundo ele, existe um aumento da exploração que vai levar a uma progressiva pauperização do trabalhador, até um momento que se torna insustentável. Além disso, existe uma queda exponencial na taxa de lucro. Esses elementos levariam ao colapso imanente do sistema capitalista. Posteriormente, houve uma grande discussão sobre a validade desse prognóstico do colapso dentro do marxismo, considerando que o sistema não parecia estar ruindo. Diante disso, alguns marxistas,



como Grossman e Engels, continuavam defendendo a tese do colapso e outros, como Bernstein e Pollock, a abandonavam.

Adorno mantém a teoria do colapso do sistema de Marx, no sentido de que se não houvesse a atuação do estado para evitá-lo, ele ocorreria. Entre os mecanismos utilizados pelo estado estão a elevação do potencial técnico e a elevação do padrão de vida pelos bens de consumo. Sobre a pauperização, Adorno diz que:

A impotência social do proletariado é o produto de tendências conflitantes. De um lado, há a pauperização econômica, do outro, a melhoria extraeconômica do padrão de vida. Essa impotência não foi prevista pela teoria.” (ADORNO, 2003, p. 107, *tradução nossa*)³

Em outras palavras, se por um lado, há a pauperização, por outro lado existe uma melhora nas condições de vida. Este elemento não era previsto e faz muita diferença. A melhora da condição de vida não é decorrência da atividade política dos trabalhadores, mas vem de cima, através dos cálculos de planejamento político econômico. Isso reforça um sentimento de impotência na sociedade do capital dominada pelos monopólios. Essa impotência dificulta a visibilidade das classes sociais. As relações de produção, diz Adorno, estão mais elásticas. Outro elemento que aparece no texto de Adorno é a questão do desenvolvimento da técnica a ponto de fazer parecer irrelevante a relação social típica do trabalho capitalista, a saber, a transformação do trabalho vivo em mercadoria. A contradição de classe depende do antagonismo da força de trabalho e das relações de produção. O homem se tornou um apêndice da máquina. Além disso, não podemos deixar de fora a intervenção do estado no controle das crises periódicas.

159

O fato de, no proletariado, não haver despertado a consciência de classe não quer dizer que não há classes. A classe é uma posição em relação aos meios de produção. Adorno nos mostra que existem motivos para a falta de consciência de classe. Na percepção dele sobre sua época, os trabalhadores são integrados progressivamente na sociedade, na visão burguesa de mundo. Estão cada vez menos na miséria extrema e na periferia da sociedade. Adorno não entende que pelo fato de estar em uma classe social a consciência de sua posição seja desperta automaticamente.

Entretanto, os critérios de classe, para a teoria marxista são objetivos. Eles são determinados pela posição no processo de produção ou “poder de dispor sobre os

³ Todas as traduções aqui apresentadas são de inteira responsabilidade do autor.



meios de produção” (ADORNO, 1998, p.63). Embora essa definição seja tida como dogmática, ela desempenha um papel importante no posicionamento das classes no sistema capitalista.

Adorno diz que o cerne da teoria marxista precisa ser revisto. Lá está a teoria da mais-valia, ou mais-valor. Ela é afetada pelo progresso técnico e depende do trabalho vivo. A teoria de Marx foi desenvolvida a partir de uma crítica imanente da teoria liberal, predominante na sua época. A partir do desenvolvimento do capitalismo em uma nova fase, a teoria liberal já não tem mais o mesmo poder explicativo e a crítica marxiana precisa ser reelaborada. Além disso, há um novo problema. Segundo Adorno “a irracionalidade da atual estrutura social impede o seu desdobramento racional em uma teoria” (1998, p. 66).

Adorno insiste na determinação do sistema a partir do termo capitalismo pois para ele “hoje como antes produz-se visando o lucro” (1998, p. 68) ou “a dominação sobre os seres humanos continua a ser exercida através do processo econômico. O objeto disso já não são mais apenas as massas, mas também os mandantes e seus apêndices.” (ADORNO, 1998, p. 67) Essa dominação continua. A dominação tem como consequência a falta de liberdade que “se estende universalmente sobre os homens” (ADORNO, 1998, p. 67) Essa falta de autonomia faz com que, do ponto de vida dos sujeitos, a vida seja percebida como um destino, diante do qual são impotentes.

160

Adorno também nos mostra que a compreensão da realidade social como sociedade industrial tem o seu sentido. O trabalho industrial se tornou modelo da sociedade, inclusive para além da atividade econômica. Os elementos sociais evoluem para uma totalidade, que engloba a administração da sociedade, a distribuição dos produtos e a cultura. No que diz respeito à cultura, Adorno tem uma grande contribuição com a noção de indústria cultural, que aparece inicialmente na *Dialética do esclarecimento* (1985), escrito em parceria com Horkheimer. Mostra como a cultura que se coloca publicamente pelo rádio, cinema e TV são impostas a partir de cima, de um grupo com planejamento e gestão própria. Este planejamento e gestão acabam por trazer a cultura para uma forma de adequação e aceitação da ordem social vigente. É a cultura que se comporta como indústria, e por isso o nome. É uma indústria no sentido de que se orienta para o lucro, centraliza o planejamento e padroniza o produto. A produção da obra artística deixa de estar na mão de artistas e passa para os administradores, assim, a orientação pelos critérios estéticos é substituído pela orientação para o lucro. A indústria cultural promove uma integração e pune a todos que não estão integrados. Ela funciona de modo que a posição de *outsider* não se torne algo desejável. Estando todos encaixados nos mesmos modelos fornecidos pela cultura hegemônica, a integração é bem-sucedida e a invisibilização das classes sociais é mais eficiente. A indústria cultural funciona,



também, como modo de incidir sobre as necessidades de consumo, de modo a dirigir o consumo criando desejos como se fossem necessidades.

Um elemento que parece importante aqui é a modificação da necessidade natural. Na sociedade industrial as necessidades são totalmente dirigidas, que indica que o próprio sistema social cria necessidades para escoar seus produtos, o que impede que pensemos a economia como servindo para satisfazer as necessidades humanas de autopreservação. Por isso, Adorno diz que o “valor de uso” perdeu sua evidência natural. Este movimento se dá à revelia de necessidades básicas, como moradia e alimentação.

Aqui aparece a necessidade de desvincular essa crítica da noção de que a técnica é intrinsecamente responsável pelos problemas sociais. Na verdade, o problema não é a técnica em si, é o enredamento da técnica nas relações sociais vigentes. Isto significa que a técnica está submetida à lógica da dominação, através das técnicas de controle e de produção de armas, como a bomba atômica por exemplo.

Soma-se a isso a percepção de que a sociedade tem aspectos estáticos, que não são somente relativos à propriedade, mas também a administração, onde o estado aparece como “capitalista total”, termo que já aparece de maneira ainda incipiente nos textos de Engels.⁴ Assim temos uma incorporação da população, não como trabalhador autônomo, mas pela marca da plena ocupação. “O intervencionismo econômico não é enxertado como estranho ao sistema, mas de modo imanente a ele, como a quintessência da autodefesa do sistema capitalista” (ADORNO, 1998, pp. 72-73); isto corresponderia, ao mesmo tempo, à confirmação do prognóstico do colapso, que exigiu a interferência do estado, como também a indicação de que as teorias liberais não correspondem mais à organização social. Com isso temos um sistema de dominação que não é mais determinado totalmente pelo mecanismo de mercado.

Aqui temos uma sociedade marcada pela ideia de totalidade, não de maneira abstrata, mas concretamente. A sociedade obedece a uma abstração objetiva, que não tem a ver com o pensamento especulativo, mas com a relação de troca. O poder dessa abstração é mais concreto do que qualquer instituição. “A impotência que o indivíduo experimenta diante do todo é a drástica expressão disso” (ADORNO, 1998, p. 71) Esse caráter totalizante também atua na União soviética. Adorno mostra que a União Soviética, onde a revolução veio para emancipar a população da opressão, acabou por se desenvolver paralelamente e chegou em um ponto onde muitas convergências são observáveis. “A consciência reificada não termina lá onde o conceito

⁴ Para mais detalhes, veja ENGELS, Friedrich. Do socialismo utópico ao socialismo científico. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2005.



de reificação ocupa um lugar de honra” (ADORNO, 1998, p. 64) e “A produção tornou-se uma finalidade em si e bloqueou o objetivo que seria a realização plena da liberdade” (1998, p. 72)

Esta configuração social, tanto na sociedade soviética quanto na sociedade capitalista, tem um efeito regressivo na capacidade de pensamento. Segundo Adorno:

A frase de Marx, de que também a teoria se torna um poder real assim que atinge as massas, evidentemente foi invertida pelo percurso do mundo. Se a organização da sociedade impede, de um modo automático ou planejado, pela indústria cultural e da consciência e pelos monopólios de opinião, o conhecimento e a experiência dos mais ameaçadores eventos e das ideias e teoremas críticos essenciais; se, muito além disso, ela paralisa a simples capacidade de imaginar concretamente o mundo de um modo diverso de como ele dominadoramente se apresenta àqueles pelos quais ele é construído, então o estado de espírito fixado e manipulado tornou-se tanto um poder real – um poder de repressão – quanto outrora o oposto da repressão, o espírito livre, quis eliminá-la. (ADORNO, 1998, p. 70)

e também:

Tal involução do capitalismo liberal tem o seu correlato na involução da consciência, em uma regressão do homem, para aquém da possibilidade objetiva que hoje lhe estaria aberta. Os homens perdem as qualidades que eles não mais precisam e que só atrapalham; o cerne da individuação começa a se decompor” (ADORNO, 1998, p. 73)

162

Aqui vemos uma imbricação da situação social objetiva na nossa capacidade subjetiva de pensamento. Isso deve levar em conta o pensamento mediado pelas relações de identificação, que são determinadas pela fetichização presente nas relações de troca. Essa regressão social acaba por levar à regressão da consciência e do outro lado, “a regressão subjetiva favorece, por sua vez, a involução do sistema” (ADORNO, 1998, p.74) Como vemos, a relação da consciência com a objetividade social é de retroalimentação que conduz à regressão tanto de um quanto de outro. “Paralela à regressão da sociedade corre uma regressão do pensamento sobre ela” (ADORNO, 1998, p. 67). A individuação, o ego forte e coerente, é renunciado pelas massas. Assim ocorre a integração total. “tudo é uno” (1998, p.74). Essa totalidade, mediada pelo processo de troca, cria uma falsa imediatez. Nessa totalidade, o que é antagônico e diferenciador é solapado pela integração ao sistema, que se autonomiza diante de tudo. Assim, o caráter universal do fetiche se impõe como totalidade.

2 FETICHISMO E CONSCIÊNCIA REIFICADA

*A RELAÇÃO ENTRE CAPITALISMO E
EXPERIÊNCIA EM THEODOR ADORNO*



A teoria de Marx mostra, em *O capital*, que ao mesmo tempo em que os sujeitos se transformam em mercadoria, vendendo sua força de trabalho, os objetos ganham propriedades “mágicas”, através do fetichismo da mercadoria. O fetichismo deriva do fato que os objetos ocultam o processo de trabalho que os produziu e aparece como dotado de valor por si só. Esse processo tem sua gênese na forma da mercadoria. Podemos dizer então que o objeto é subjetivado e o sujeito objetificado. Além disso, a abstração do dinheiro e do valor serve para identificar todas as coisas através de uma equivalência, que ignora as qualidades dos objetos, e seu valor de uso, em detrimento de seu valor expresso em dinheiro no mercado. Toda experiência é mediada pelo dinheiro como abstração, que serve de base para a racionalidade formal pois é calculável.

Essa abstração vai se tornar fundamental para entender a racionalidade técnico-científica, pois se a lógica social tem como finalidade o aumento de lucro, desde a época de Marx até hoje, ela submete toda a sociedade ao princípio de equivalência do capital. Embora esse fenômeno seja objetivo, vai interferir na capacidade de pensamento dos sujeitos, como vimos. O tema do fetichismo é talvez o ponto mais interessante para entender a relação do capitalismo com a experiência do pensamento. O capitalismo, pela generalização do fetiche, incide sobre o conhecimento. O fetichismo, na teoria de Adorno, extrapola o âmbito puramente econômico e é generalizado para diversos campos da sociedade e da consciência subjetiva. É possível pensar o fetichismo e a reificação como dois lados da mesma moeda, dado que o fetichismo é a *subjetificação da coisa* e a reificação é a *coisificação do sujeito*. Os dois se desenvolvem paralelamente na socialização capitalista.

Lukács desenvolve esse elemento no seu livro *História e consciência de classe*. Em Lukács, a reificação é desenvolvida diretamente a partir da análise marxiana. Para ele a reificação é decorrência da predominância da forma mercadoria na realidade social, no qual até mesmo os trabalhadores são entendidos como mercadoria, ao venderem a sua força de trabalho. As relações sociais são vistas como relações entre coisas, não entre sujeitos. Para ele: “Desse fato básico e estrutural é preciso reter sobretudo que, por meio dele, o homem é confrontado com sua própria atividade, com seu próprio trabalho como algo objetivo, independente dele e que domina por leis próprias, que lhe são estranhas” (LUKÁCS, 2000, p.B199) Na forma mercadoria a categoria da igualdade entre as coisas é fundamental.

A organização social no capitalismo é marcada pela racionalização baseada no cálculo. Essa racionalização é o que possibilita o planejamento do capital para prever o lucro e a mais-valia. Dessa forma as qualidades inerentes aos produtos e às pessoas não tem mais tanta relevância. Essa racionalização vai colocando a necessidade de



trabalhos cada vez mais especializados. Isso fragmenta o trabalho e também fragmenta o objeto. Diz Lukács,

Como consequência do processo de racionalização do trabalho, as propriedades e particularidades humanas do trabalhador aparecem cada vez mais como *simples fontes do erro* quando comparadas com o funcionamento das leis parciais abstratas, calculado previamente. O homem não aparece nem objetivamente, nem em seu comportamento em relação ao processo de trabalho, como o verdadeiro portador desse processo; em vez disso, ele é incorporado como parte mecanizada num sistema mecânico que já encontra pronto e funcionando de modo totalmente independente dele, e a cujas leis ele deve se submeter. (LUKÁCS, 2000, p. 204)

A consciência reificada, então, é uma consciência que está submetida a racionalidade técnica, calculada, previamente estabelecida pelo planejamento do capitalista. Essa consciência vai se tornando cada vez mais parecida com a máquina enquanto suas qualidades próprias, humanas, particulares, vão sendo suprimidas. As peculiaridades individuais são vistas como possíveis desvios do cálculo inicial e preciso. O mais importante de tudo, aqui, é enfatizar que este movimento de reificação é incorporado pela consciência das pessoas, tanto do trabalhador quanto do burguês, de modo que a própria consciência opera na lógica da mercadoria.

164

Do mesmo modo que o sistema capitalista produz e reproduz a si mesmo econômica e incessantemente num nível mais elevado, a estrutura da reificação, no curso do desenvolvimento capitalista, penetra na consciência dos homens de maneira cada vez mais profunda, fatal e definitiva. (LUKÁCS, 2000, p. 210)

O tema da racionalização presente na análise de Lukács, que é oriunda da sociologia weberiana, também vai reaparecer na obra de Adorno, em especial na *Dialética do esclarecimento* (1985). Em certo sentido, podemos dizer que essa obra de diagnóstico de Horkheimer e Adorno se insere em um contexto de crítica do capital. Isso não significa que o tema do livro se circunscreve na era capitalista, porque o que é tematizado no livro remonta a muito antes do capitalismo existir enquanto sistema econômico. Mas podemos dizer que a crítica do capitalismo aparece se entendermos que os rumos que a racionalidade tomou são frutos da sua submissão à dominação capitalista. Em diversos momentos Adorno e Horkheimer mostram que tanto a ciência, quanto a cultura e o pensamento em geral possuem potencialidades



emancipatória.⁵ O modo como a ciência, a cultura e a razão se desenvolveu está relacionado, entre outras coisas, com as determinações do sistema econômico. A reificação da consciência também já aparece nessa obra, como vemos na passagem:

O preço da dominação não é meramente a alienação dos seres humanos com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos seres humanos foram enfeitadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas. O aparelho econômico, antes do planejamento total, já provê as mercadorias com os valores que decidem sobre o comportamento dos homens. A partir do momento em que as mercadorias, com o fim da troca livre, perderam todas as suas qualidades econômicas salvo seu caráter de fetiche, este se espalha como uma paralisia sobre a vida da sociedade em todos os seus aspectos. (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 35).

165

Na *Dialética do esclarecimento* o fetichismo e a generalização do princípio de troca se dão dentro do movimento de racionalização que leva consigo o mito. Podemos ver que nesse sentido o princípio de troca pode ser associado com o sacrifício, já que no sacrifício se faz a substituição de uma pessoa por um animal, como no caso da troca de Isaque pelo cordeiro. Esse elemento mítico subjaz ao princípio de troca, mas o capitalismo leva a equivalência do princípio de troca para todas as esferas. O trecho mais significativo é, portanto “com a coisificação do espírito, as próprias relações dos seres humanos foram enfeitadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 35). Os sujeitos, na sua própria reflexão identifica os objetos, quantifica-os, transformando todos em equivalentes. Essa operação é um alargamento da abstração do capital que se faz na forma de dinheiro. A experiência que Adorno propõe na sua dialética e na sua experiência estética se funda nos elementos qualitativos que ficam em segundo plano na consciência reificada.

Na *Dialética negativa*, Adorno (2009, pp.162-165) retorna ao tema do fetichismo para falar da relação com a objetividade, para garantir que o primado do objeto na sua dialética não caia na reificação. A reificação não é um fenômeno da consciência, mas do todo social, no qual

⁵ Por exemplo: “Todo progresso da civilização tem renovado, ao mesmo tempo, a dominação e a perspectiva de seu abrandamento. Contudo, enquanto a história real se teceu a partir de um sofrimento real, que de modo algum diminui proporcionalmente ao crescimento dos meios para sua eliminação, a concretização desta perspectiva depende do conceito. Pois ele é não somente, enquanto ciência, um instrumento que serve para distanciar os homens da natureza, mas é também, enquanto tomada de consciência do próprio pensamento que, sob a forma da ciência, permanece preso à evolução cega da economia, um instrumento que permite medir a distância perpetuadora da injustiça. Graças a essa consciência da natureza no sujeito, que encerra a verdade ignorada de toda cultura, o esclarecimento se opõe à dominação em geral.” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 44)



a consciência é um momento. Adorno reforça que a reificação é fruto da lógica da mercadoria que contem em si o princípio de igualdade, e nisso ela gera uma consciência falsa. Adorno também mostra como a reificação é o processo que separa o conceitual do não-conceitual, sendo esse processo de separação uma forma de cair na dialética idealista.

Apesar de tudo isso, a dialética adorniana não se resume apenas à crítica da reificação. Adorno pensa o não-idêntico como forma de reagir ao fetichismo e a reificação porque eles generalizam a identidade. A identidade é o princípio por trás do mecanismo de troca; O não-idêntico é o antídoto para a identificação da consciência reificada. Podemos então estender ao campo epistemológico a inaptidão à experiência. Como afirma Leo Maar:

Para Adorno, o travamento da aptidão a experiência tem a ver com o mecanismo psicodinâmico de repressão do diferenciado em prol do ‘sempre idêntico’, uniformizado, da sociedade massificada, totalmente administrada. A esta ‘adesão’ corresponde a uma fraqueza do eu. (MAAR, 1995, p. 64)

O sempre idêntico é uma generalização, que corresponde ao modo de produção de mercadorias. As mercadorias são sempre padronizadas e abstraídas em um valor. O modelo de interação com as mercadorias é incapaz de propiciar uma experiência autêntica, seja ela intelectual ou estética.

166

Dito isso, podemos passar para outro caminho que revela aspectos do capitalismo que interferem na nossa capacidade de realizar experiências, a partir de uma reflexão de Walter Benjamin.

3 EXPERIÊNCIA, MEMÓRIA E FORMAÇÃO

Em seu texto *Experiência e pobreza* (BENJAMIN, 2012, pp. 123-128), Benjamin associa a experiência com os conhecimentos que os mais velhos transmitem à geração seguinte, tanto em forma de provérbios quanto em forma de histórias. A experiência, portanto, não é válida apenas para o indivíduo que viveu a história narrada, nem apenas para o indivíduo que criou o provérbio a partir de determinada situação. A experiência constituída ultrapassa as gerações. Não é apenas experiência factual, é experiência comunicável. Neste sentido é fundamental entender sua leitura da obra de Leskov, principalmente por seu distanciamento em relação a nós. O que nos distancia, no limite, é a perda da capacidade de narrar. A narrativa oral perdeu seu espaço de circulação: vinha



acompanhada do trabalho artesanal. A eliminação do trabalho artesanal e sua substituição pelo trabalho industrial nos jogou no colo da técnica, onde a narração tradicional nada tem a ensinar. A experiência da guerra também vem acompanhada de uma falta de experiência comunicável, de modo que “os livros de guerra que inundaram o mercado literário dez anos depois continham tudo menos experiências transmissíveis de boca em boca” (BENJAMIN, 2012, p. 124)

A narrativa oral reforça a importância da memória. Sem um fortalecimento da memória, este tipo de narração se torna impossível. Da mesma forma, Adorno também insiste no fortalecimento da memória⁶. Além disso, o tédio cumpre uma função importante, pois, para Benjamin, “O tédio é o pássaro onírico que choca os ovos da experiência” (BENJAMIN, 2012, p. 221).⁷ A experiência não se dá como transmissão pura. Não é algo que se deposita no banco para se retirar de pois, para usar uma metáfora freireana. A experiência é transformada no interior do sujeito, se vincula aos seus pensamentos próprios e à sua vida. Benjamin vê na literatura de Proust uma tentativa de resgatar a experiência que ultrapasse a vivência individual (GAGNEBIN, 2012, p. 10)

Quais seriam então, as condições para a experiência comunicável? Segundo a leitura de Gagnebin (2012, p. 10), são: 1) “A experiência transmitida pelo relato deve ser comum ao narrador e ouvinte” (2012, p. 10). O desenvolvimento do capitalismo, sobretudo no seu aspecto tecnológico, torna essa exigência quase inalcançável, dado que o que é exigido de nós a cada momento é algo sem precedentes; 2) Há um vínculo com uma “organização pré capitalista de trabalho, em especial na atividade artesanal.” (2012. p. 10); 3) Há uma dimensão prática da narrativa, que se apoia na obra aberta, que aceita sugestões sobre seu desenrolar.

⁶ “Quem tendo frequentado escola não terá se emocionado alguma vez com a poesia de Schiller e os poemas de Horácio que devia aprender de cor? E a quem os velhos pais não terão causado arrepios de extrema emoção quando, sem que se lhes pedissem e inesperadamente, recitavam textos de que se recordavam ainda, compartilhados assim numa comunhão com os mais jovens? Com certeza, dificilmente se pediria hoje que alguém aprendesse algo de cor: apenas pessoas muito ingênuas estariam dispostas a apoiar-se na tolice e na mecanicidade desse processo; porém, assim se priva o intelecto e o espírito de uma parte do alimento de que se nutre a formação” (ADORNO, 2010, pp. 21-22)

⁷ Sobre o tédio, Adorno nos mostra como ele foi transformado em “tempo livre” no qual os seres humanos se sentem obrigados a se ocupar com alguma diversão. Não sobra tempo, portanto para a divagação, para o ócio criativo. O tempo livre é o contrário do trabalho, mas “é acorrentado ao seu oposto” (ADORNO, 1995, p. 70) pois nele “Se prolonga a não-liberdade” (ADORNO, 1995, p.71). Ele cita o turismo e o *camping* como exemplos do que fazer com o tempo livre, se mantendo, aí também, sob o império do lucro. É, também, no tempo livre que a indústria cultural enreda o indivíduo. Enquanto Benjamin nos mostra a importância do tédio para desenvolver as experiências, Adorno nos mostra como a sociedade, através do tempo livre, utiliza estes tempos de fora do trabalho para reafirmar o *status quo* e integrar as consciências ao sistema social. Mas mesmo assim, Adorno busca a emancipação, a transformação do tempo livre em liberdade. Para o aprofundamento desta discussão, veja, de Adorno, o ensaio *Tempo livre* (1995, pp. 70-82) e os aforismos 91 e 113 da *Minima moralia* (1993)



A experiência é a forma de vinculação do sujeito com herança cultural. Por isso “Essa pobreza não é apenas pobreza em experiências privadas, mas em experiências da humanidade em geral” (BENJAMIN, 2012, pp. 124-125) A constatação de uma crise na experiência se confunde com a recusa da tradição. Uma falta de interioridade, como se o sujeito fosse arquitetado em vidro, sem nenhum mistério. A pobreza da experiência faz com que o sujeito esteja sempre começando do zero. Isso constitui um empobrecimento da consciência, uma fraqueza do eu.

Sobre Benjamin, é importante fazer ainda dois apontamentos. Em primeiro lugar, a experiência e a narração não cumprem papéis apenas estéticos, mas são formas de compartilhamento da sabedoria. São também experiências intelectuais, e por isso aquele que acumula narrativas é tratado tradicionalmente como sábio. Em segundo lugar, este tipo de experiência é radicalmente distinto do relato, da informação, da fragmentação, do fato bruto. É trabalhada internamente, conectada com a vida, com a formação, permite uma continuidade no pensamento. É a experiência “chocada pelo pássaro-tédio”. Tanto a complementaridade da experiência intelectual com a estética quanto o caráter reflexivo e não apenas informativo serão fundamentais para o desenvolvimento de Adorno em sua teoria.

Também para Adorno, esta incapacidade de fazer experiências tem seu fundamento na realidade social, tanto através da estrutura econômica quanto através dos mecanismos ideológicos. Na estrutura encontramos o mecanismo da alienação e da própria lógica da mercadoria, colocando a memória coletiva em cheque, como vemos em:

A sociedade burguesa encontra-se subordinada de um modo universal à lei da troca, do ‘igual por igual’ de cálculos que, por darem certo, não deixam resto algum. Conforme sua própria essência, a troca é atemporal, tal como a própria razão, assim como, de acordo com sua forma pura, as operações da matemática excluem o momento temporal. Nesses termos, o tempo concreto também desapareceria da produção industrial. Esta procede sempre em ciclos idênticos e pulsativos, potencialmente de mesma duração, e praticamente não necessita mais da experiência acumulada. Economistas e sociólogos como Werner Sombart e Max Weber atribuíram o princípio do tradicionalismo às formas sociais feudais, e o princípio da racionalidade às formas burguesas. O que é o mesmo que dizer que a memória, o tempo e a lembrança são liquidados pela própria sociedade burguesa em seu desenvolvimento, como se fossem uma espécie de resto irracional, do mesmo modo como a racionalização progressiva dos procedimentos da produção industrial elimina junto aos outros restos da atividade artesanal também categorias como a da aprendizagem, ou seja, do tempo de aquisição da experiência no ofício. (ADORNO, 2020, p. 35)



A alienação atrelada a indústria cultural, que trabalha de maneira geral com estereótipos, coloca um bloqueio entre o objeto e o sujeito, impedindo uma reflexão, uma experiência no sentido aqui abordado.

A memória é fundamental para a construção da *Bildung*, a história e a cultura passada serão os alimentos da formação cultural individual. No seu sentido coletivo, enquanto nossa sociedade for regida pela lógica da troca, que é atemporal como vimos acima, a história e a cultura serão esquecidas. No seu sentido subjetivo, a memória alimenta o pensamento. A *Bildung* como incorporação subjetiva da cultura tem na memória o seu apoio.

É claro que a intenção de Adorno não é uma incorporação acrítica ou de “decoreba”. A proposta é que o sujeito reflita sobre o que está contemplando na cultura. Neste sentido tanto a experiência intelectual quanto a experiência artística precisam ser entendidas de maneira dialética, pois é através dela que a crítica se estabelece. Se trata de ver como a memória nos dá elementos com os quais vamos trabalhar internamente, criticando, aceitando ou reelaborando. Não é por acaso que a semiformação, que nada mais é que um bloqueio da *Bildung*, se caracteriza pela descontinuidade, pela informação rápida e superficial.

169

A experiência – a continuidade da consciência em que perdura o ainda não existente e em que o exercício e a associação fundamentam uma tradição no indivíduo – fica substituído por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras informações. [...] A semiformação é uma fraqueza em relação ao tempo, à memória, única mediação capaz de fazer na consciência aquela síntese na experiência que caracterizou a formação cultural em outros tempos. (ADORNO, 2010, p. 33)

A *Bildung* é associada com a ascensão da classe burguesa alemã (PUCCI, 1999, pp. 55-56) E buscava promover uma sociedade racional, livre e igualitária. A transformação da *Bildung* em *Halbbildung*⁸ (formação em semiformação) é o exemplo de mais uma das promessas da sociedade capitalista que não se cumpriu, junto com a autonomia pela razão e a igualdade dos seres humanos.

O papel da memória, no sentido de uma sobrevivência da sabedoria do passado ou no sentido da história cultural, é de fundamental importância para a formação individual, sem a qual o indivíduo fica à deriva. A perda da memória tem suas raízes na própria reificação, na submissão da consciência à lógica da mercadoria.

⁸ Termo em alemão que pode ser traduzido como “semiformação”, “semicultura” ou “pseudiformação”. Optamos por “semiformação”.



Leo Maar afirma que também em Adorno existe “uma sobrevivência do ideal do trabalho artesanal, com sua resultante formativa, presente no trabalho artístico”. Se entendermos que a educação não vai resolver por si mesma o problema da sociedade, já que ele está entranhado na sua economia e cultura, podemos dizer que a transformação social acompanhada por uma transformação educacional é o único caminho.

Aqui podemos incluir a tendência identificadora na própria ideologia, que não é concebida mais como conjunto de ideias, mas como “processo responsável pela própria formação da consciência social”, no qual “as ideias e representações são apenas as formas mais acabadas.” (COHN, 1986, p. 11). A ideologia continua sendo aparência socialmente necessária, mas envolve dessa vez muitos elementos que não são ideias, mas ajudam a construí-las. Nesse processo a identidade e a generalidade atuam como elementos ideológicos. Portanto “Crítica a ideologia implica assumir o partido da diferença, da particularidade, contra a primazia da identidade e da generalidade.” (COHN, 1986, p. 12)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

170

O artigo buscou mostrar uma visão da concepção adorniana de capitalismo tardio, ou sociedade industrial, em especial nas determinações que incidem sobre a capacidade de realizar experiências. Vimos como a reificação se mantém presente mesmo com as transformações do capitalismo e incide nas consciências submetendo-as à lógica formal, quantificadora e abstrata que derivam da forma mercadoria. Vimos também que este sistema econômico atinge a nossa memória, dificultando a capacidade de narrar, de acumular as experiências para construir a formação do sujeito. O sistema econômico atua para substituir a experiência, temporal e qualitativa, pela atemporalidade das trocas de mercadorias.

Podemos dizer que a crítica ao capitalismo, por si só, não é suficiente para entender a regressão do pensamento, mas é parte importante deste entendimento. Como diz Petry: “o declínio da experiência está relacionado a diversos fatores conectados, desde a estrutura do trabalho própria do sistema capitalista, ao modo como também a vida privada do indivíduo acaba por se conformar a uma lógica baseada na troca e na dominação.” (2015, p. 470) Dessa forma, a crítica à racionalidade e crítica à regressão do pensamento presente na obra de Adorno é alimentada inclusive pela crítica econômica. Com isso, a regressão do pensamento não está restrita à indústria cultural e à adesão à líderes de massas, mas tem, entre suas raízes, o fetichismo e a reificação da consciência próprios do sistema capitalista.



REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. *Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- ADORNO, T. W. *Tempo Livre*. In: *Palavras e Sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- ADORNO, T. W. *Capitalismo tardio ou sociedade industrial*. In: Cohn, G. Theodor W. Adorno. São Paulo: Ática, 1998
- ADORNO, T. W. *Reflections on Class Theory*. In: *Can One Live After Auschwitz?* Stanford: Stanford University Press, 2003
- ADORNO, T. W. *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- ADORNO, T. W. *Teoria da semiformação*. Trad. De Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. Moura Abreu. In: PUCCI, Bruno (org.). *Teoria Crítica e Inconformismo: novas perspectivas de pesquisa*. Campinas: Fapesp-Autores Associados, 2010.
- ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.
- ADORNO, Theodor W, HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Tradução, Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- COHN, G. *Introdução: Adorno e a teoria crítica da sociedade*. In: Gabriel Cohn (org.). Theodor W. Adorno: *sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.
- ENGELS, Friedrich. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2005.
- FLECK, A. *Necessária, mas não suficiente: sobre a função da crítica da economia na teoria crítica tardia de Theodor W. Adorno*. Cadernos de filosofia alemã, v. 21, 2016.
- GAGNEBIN, J. M. *Prefácio: Walter Benjamin ou a história aberta*. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- LUKÁCS, G. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes: 2000.
- MAAR, W. L. *Educação crítica, formação cultural e emancipação política na escola de Frankfurt*. In: PUCCI, Bruno (org.). *Teoria Crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: EdUFSCar, 1995.
- MARX, Karl. *O capital*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
- PETRY, F. B. *Experiência e formação em Theodor W. Adorno*. Educação e Filosofia Uberlândia, v. 29, n. 57, p. 455 - 488, jan./jun. 2015.
- PUCCI, B., ZUIN, A., RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. *Adorno: poder educativo do pensamento crítico*. Petrópolis: Vozes, 1999.

